

O “Inferno” entre o Fogo das Armas e Frio do Inverno: A História da Segunda Guerra Mundial

Raquel Anne Lima de Assis^I

Recebido: 01/07/2015

Aprovado: 07/07/2015

A obra *Inferno: o mundo entre guerra 1939-1945* é um trabalho de Max Hastings, cujo objetivo é fazer uma síntese da história do conflito mundial em um único volume. O autor é historiador militar, que também trabalhou como jornalista fazendo a cobertura de guerras, como no Vietnã e nas ilhas Falkands. Além de ter trabalhado como editor dos jornais *Daily Telegraph* e *Evening Standard*. Pelos seus trabalhos recebeu em 2002 o título de Cavaleiro da Ordem do Império Britânico. Atualmente vive em West Berkshire, na Inglaterra. Entre algumas de suas obras estão: *Operação Overlord - O Dia D e a Batalha da Normandia 1944* (2012) e *Catástrofe 1914: A Europa Vai à Guerra* (2014).

Hastings se propõe a escrever uma história da Segunda Guerra “vista de baixo”. Isto significa que o autor narra como ocorreu o conflito a partir das experiências e opiniões de pessoas comuns que viveram neste período e participaram deste acontecimento, seja no campo de batalha com armas nas mãos ou como civis constantemente atacados sem muitas formas para se defender. Desta maneira, à medida que são relatadas as batalhas e o cotidiano da guerra, o historiador expõe transcrições de diários, cartas e bilhetes produzidos pela população e soldados dos países beligerantes e ocupados.

A obra inicia narrando como a Polônia foi ocupada pelos alemães em 1939. Este fato marcou o início da guerra, pois, logo após o ataque, a Grã-Bretanha e a França declararam guerra à Alemanha. Contudo, não enviaram reforços para ajudar os poloneses que sofreram com uma força muito superior do exército alemão, a *Wehrmacht*. Sendo que a URSS também se beneficiou das terras polonesas através de um pacto de não-agressão entre os nazistas e os soviéticos (1939), isso fez com que esta também ocupasse a Polônia e dizimasse parte do seu povo.

Dando início ao conflito, inicialmente havia poucos confrontos diretos entre os países beligerantes. Mas logo em seguida começou a expansão de Hitler rumo ao oeste. Em 1940, os nazistas conseguiram conquistar a Noruega, a Dinamarca, a Bélgica, a Holanda e a França. Em alguns casos, depois de ocupados houve forte colaboracionismo, como na França. Neste país foi instaurado o governo de Vichy que apoiava o nazismo e também perseguia os judeus, com forte apoio da população. Hastings afirma que poucos franceses lutaram no exílio depois da ocupação como fizeram os poloneses. Somente quando a derrota nazista era eminente que este quadro mudou^{II}.

O “INFERNO” ENTRE O FOGO DAS ARMAS E FRIO DO INVERNO: A HISTÓRIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

RAQUEL ANNE LIMA DE ASSIS

O próximo objetivo era a Grã-Bretanha. Por ser uma ilha os alemães precisavam vencer a marinha inglesa, mas não tinham força suficiente. Por isso, optaram pela *blitz*, ou seja, bombardeios contra civis para afetar a moral da população. Não obtiveram o resultado esperado. Os britânicos conseguiram resistir em parte devido à retórica do primeiro-ministro Winston Churchill em convencer seu povo a se manter firme. O autor chega a elogiar Churchill ao afirmar que ele possuía “graça, dignidade, espírito, humanidade e determinação”^{III}. Ao tecer tais características ao governante britânico o autor entra em contradição. Em capítulos seguintes ao abordar sobre povos colonizados que tiveram que lutar na guerra pela Inglaterra, Hastings deixa claro que os indianos, por exemplo, sofreram com o descaso do governo britânico, chegando a passar fome^{IV}. Onde está a humanidade e dignidade nestas ações?

Operações ocorreram também no Norte da África, em 1941. Os ingleses tinham o objetivo de conquistar o Mediterrâneo, porém, o resultado foi insatisfatório. Os britânicos foram derrotados pelas tropas alemãs de Rommel, fazendo com que a moral do povo fosse ainda mais prejudicada. Isso ao custo de soldados enfrentarem o calor e as areias do deserto, a sede e os mosquitos. Este conflito foi iniciado por Mussolini, mas por não possuir força suficiente para vencer o inimigo foi preciso a intervenção da Alemanha com o envio de tropas.

Enquanto isso, na Rússia, o “inferno” se tornava frio. Hitler invadiu o território russo em 1941 na Operação Barbarossa. O Exército Vermelho era mal preparado, havia falta de entusiasmo e seus equipamentos eram inferiores, situação que foi melhorando ao passar da guerra. Contudo, o território era vasto, a quantidade de soldados era muito maior e quando se achava que estava tudo perdido a resistência se mostrou forte. Ainda mais com ordens de Stalin de matar qualquer um que tentasse desertar e que defendessem o território até o último homem.

Outro fator era a brutalidade institucionalizada na URSS. Os russos eram mais acostumados a sofrer que povos da Europa Ocidental. Em quantidade e brutalidade os soviéticos foram um dos povos que mais sofreram no conflito. Além da violência com as armas, muitos morreram de fome o que só piorou com a chegada dos nazistas, como no cerco a Leningrado, cujo objetivo era esse: matar a população de fome. Mas os nazistas também tiveram seu sofrimento quando o inverno chegou e eles não estavam preparados. Cada vez mais foram recuando e perdendo territórios ocupados, perdendo a Batalha de Stalingrado até que o Exército Vermelho chegou a Berlim.

Em 1945, com a Alemanha ocupada pelos soviéticos chegou, para muitos, o momento da vingança. O Exército Vermelho praticou estupros, saques e assassinatos contra os alemães. Tais ações eram estimuladas pelo próprio Stalin e não foram julgados por crimes de guerra. Os alemães também sofreram com bombardeios dos anglo-americanos. Para o autor, foi uma ação justificável ao afirmar que “a destruição de suas cidades e a morte de número significativo de seus habitantes parecem um preço necessário pelos horrores que os alemães desencadearam contra a civilização ocidental”^V.

Outros “personagens” deste acontecimento foram os EUA e o Japão. Tendo o segundo atacado o primeiro em 1941, fazendo com que os americanos entrassem na guerra. Boa parte da população estadunidense era contra a entrada de seu país no conflito. O ataque a Pearl Harbor, entretanto, fez com que muitos mudassem de ideia por se sentirem “vítimas de bárbaros”. Apesar do governo estabelecer que a Alemanha deveria ser derrotada primeiro, eram os japoneses visto pela maioria como o maior inimigo.

Notas

^I Mestranda em História Comparada pela UFRJ. Integrante do Grupo de Estudo do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). Email: raquel@getempo.org. Orientador: Dr. Dilton Cândido S. Maynard (PPGHC/UFRJ-UFS/DHI). Trabalho apoiado pelo projeto “Quando a Guerra chegou ao Brasil: Ataques submarinos e memórias nos mares de Sergipe e Bahia (1942-1945)”, Edital Universal CNPq 2014.

^{II} HASTINGS, Max. *Inferno: o mundo entre guerra 1939-1945*. Trad.: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012, p. 88.

^{III} *Ibidem*, p. 93.

^{IV} *Ibidem*, p. 442.

^V *Ibidem*, p. 515.

^{VI} *Ibidem*, p. 671.

^{VIII} *ibidem*, p. 672.

^{VIII} *Ibidem*, p. 673.

Referência bibliográfica

HASTINGS, Max. **Inferno**: o mundo entre guerra 1939-1945. Trad.: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.